

## DESLOCAMENTOS ANDARILHOS ENTRE REDES LATINO-AMERICANAS NA PERSPECTIVA FORMATIVA INVESTIGATIVA FREIREANA

*Wanderers' displacements between latinamerican groups on the freireana formative  
investigative perspective*

*Desplazamientos errantes entre redes latinoamericanas en la perspectiva formativa de la  
investigación freireana*

Mairce da Silva Araújo\*  
Regina Aparecida Correia Trindade\*\*  
Isabele Cristina Fonseca Ramos\*\*\*  
Roberta Dias de Sousa\*\*\*\*

---

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2022.v4i1n8.49-67>

---

### Resumo

Este artigo tem como objetivo socializar as contribuições de uma pesquisa qualitativa sistematizada a partir dos projetos construídos por professoras/res vinculadas/os às redes e coletivos docentes latino-americanos. Essas redes vêm estabelecendo um diálogo, por meio de ações mais pontuais, desde 2015 realizando investigações de cunho narrativo e autobiográfico na perspectiva dialógica da formação docente entre pares. Para este texto, tomamos como foco os processos de deslocamentos e os percursos formativos trilhados pelo coletivo brasileiro – REDEALE, à luz das reflexões teóricas, sobretudo, as interlocuções com o pensamento e obra de Paulo Freire. O diálogo com os projetos de formação entre docentes latino-americanos apontou para nós a relevância das conexões entre a Universidade e a Educação Básica na perspectiva humanizadora, por uma América Latina que luta pela educação como prática de liberdade.

**Palavras-chave:** Andarilhagem; Formação Docente entre pares; Redes Docentes Latino-Americanas; Paulo Freire.

### Abstract

This article aims to socialize the contributions of a qualitative research systematized from the projects built by teachers linked to the groups and Latin American teaching collectives. These groups have been establishing a dialogue since 2015, beginning narrative and autobiographical investigations on the dialogic perspective of the teachers' formations in peers. For this text we focused on the processes of formative displacements and routes trodden by the Brazilian collective faced to theoretical basis, especially, the dialogues with the thoughts and works of Paulo Freire. The dialogue with the projects of Latin American teaching formation highlighted to us the relevance of the connections between the University and the Basic School from the humanizing perspective, by a Latin that fights for the education as a practice of freedom.

**Keywords:** Wanderation; Teacher training between pairs; Latin American Teaching groups; Paulo Freire.

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo socializar los aportes de una investigación cualitativa sistematizada a partir de los proyectos construidos por docentes y profesores vinculados a redes y colectivos docentes latinoamericanos. Estas redes dialogan desde 2015 realizando investigaciones narrativas y autobiográficas en la perspectiva dialógica de la formación docente entre pares. Para este texto, nos enfocamos en los procesos de desplazamiento y los caminos formativos seguidos por el colectivo brasileño a la luz de reflexiones teóricas, sobre todo, los diálogos con el pensamiento y la obra de Paulo Freire. El diálogo con proyectos de formación de docentes latinoamericanos nos señaló la relevancia de los vínculos entre la Universidad y la Educación Básica en la perspectiva humanizadora, para una América Latina que lucha por la educación como práctica de la libertad.

**Palabras clave:** Errante; Formación de maestros entre pares; Redes Latinoamericanas de Maestros; Paulo Freire.

---

## Introdução

O presente artigo, em diálogo com os pressupostos freireanos, tem como propósito enfatizar o caráter *formativoinvestigativo instituinte* que emerge em projetos construídos por professoras/res vinculadas/os às redes e coletivos docentes latino-americanos. O encontro com o *pensamentoobra*<sup>1</sup> de Paulo Freire, presente de forma potente em nossas andarilhagens pela América latina, guiando nossos horizontes educativos, epistêmicos e metodológicos, tem acompanhado e alimentado as lutas de tais coletivos, dentre os quais nos incluimos, pela construção de uma educação

---

<sup>1</sup> A grafia aqui apresentada afirma a nossa compreensão da articulação entre o pensamento e a obra de Paulo Freire, pois compreendemos a obra do autor como materialização do ato de pensar. Diante do exposto, utilizamos a junção das palavras utilizando o termo *pensamentoobra*.

emancipatória, humanizada, respeitosa, bem como pela utopia de uma sociedade justa e democrática.

O legado do patrono da educação brasileira<sup>2</sup> oferece uma ampla bibliografia que nos permite pensar a “longa tradição de luta” (GALEANO, 1999) presente na história dos povos latino-americanos, que, com suas riquezas naturais sustentaram e promoveram o crescimento político, econômico e social dos países desenvolvidos.

É a América Latina, a região das veias abertas. Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar foram sucessivamente determinados, do exterior, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. Para cada um se atribuiu uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e se tornou infinita a cadeia de sucessivas dependências, que têm muito mais do que dois elos e que, por certo, também compreende, dentro da América Latina, a opressão de países pequenos pelos maiores seus vizinhos, e fronteiras adentro de cada país, a exploração de suas fontes internas de víveres e mão de obra pelas grandes cidades e portos (há quatro séculos já haviam nascido dezesseis das 20 cidades latino-americanas atualmente mais populosas). (GALEANO, 1999, p. 7)

A perspectiva freireana tem fortificado nossos diálogos *com/entre* universidade-educação básica-comunidade, e nos impulsionam à luta por políticas educacionais que revelem o nosso “compromisso com a realização de um mundo melhor, mais justo, menos feio, mais substantivamente democrático.” (FREIRE, 2000, p. 17).

Neste movimento formativo que compreende nosso percurso seja nas dimensões formativas subjetivas, seja em outros espaços e dimensões coletivas, a leitura reflexiva acerca do *pensamentoobra* de Paulo Freire e o diálogo sobre ela com sujeitos diversos e em espaços educativos e geográficos, parece sempre nos trazer novas possibilidades de leitura de mundo em um movimento de luta pela educação libertadora que acompanhou

---

<sup>2</sup> O Governo Federal de Dilma Rousseff promulga, em abril de 2012, a Lei nº 12.612, que declara Paulo Freire patrono da educação brasileira. [...] Em 2017, circula no Senado Federal uma ideia legislativa para revogar a citada lei. Após juntar rapidamente mais de vinte mil assinaturas, a ideia se transforma em sugestão legislativa (SUG 47/2017) em 2017. (KOHAN, 2019, pág. 19/20)

os ideias de luta e sociedade de Paulo Freire e mesmo após seu centenário de nascimento, comemorado em 19 de setembro de 2021, ainda se revela como uma bandeira atual e contemporânea, e continua assim, a nos convidar assumi-la cada dia mais coletivamente.

A prática do diálogo, da educação dialógica, problematizadora, questionadora, que pressupõe o outro, foi profundamente realizada por Paulo Freire em suas experiências enquanto educador, e, continua se revelando para nós, como um conceito chave para compreendermos o movimento formativo de incompletude no qual estamos imersos. Um movimento que pressupõe enquanto princípio de formação o/a outro/a, e com ele/a o diálogo e todos os caminhos que não são previstos, mas experimentados, a partir desta relação dialógica, conforme veremos ao longo deste artigo.

Retomar, desta forma, alguns dos caminhos trilhados pelo grupo de pesquisa que integramos e que está vinculado ao Programa de Pós-Graduação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nos possibilita adentrar em uma investigação formativa sobre os referenciais teóricos e os percursos metodológicos que constituem as interlocuções entre docentes latino-americanos, considerando neste movimento de deslocamento o diálogo e a conversa sobre o “ofício de professor/professora” (LARROSA, 2018) como princípio central neste percurso de *investigação formação instituinte*.

Organizamos o presente texto em dois movimentos principais: inicialmente trazemos uma breve reconstituição dos nossos primeiros movimentos de interlocuções e *andarilhagens* em direção às redes e coletivos docentes da América Latina, e num segundo momento, a partir da experiência vivida e das reflexões sobre o movimento de expedições pedagógicas e seus deslocamentos, reafirmamos as conexões formativas e movimentos instituintes entre a Universidade e a Educação Básica na perspectiva formativa humanizadora por uma América Latina que luta pela educação como prática de liberdade.

## **Movimentos andarilhos que nos formam: reflexões acerca da composição de uma pesquisa**

E foi andarilhando pelo mundo, foi andando pela África, foi andando pela Ásia, pela Austrália, Nova Zelândia, pelas ilhas do Pacífico do Sul; foi andando a América Latina toda, o Caribe, a América do Norte, a Europa, foi caminhando por esses pedaços de mundo, como exilado, que pude compreender melhor o meu próprio país. Foi vendo-o de longe, foi tomando distância dele que eu entendi melhor a mim mesmo. Foi me confrontando com o diferente de mim que descobri mais facilmente a minha própria identidade. (FREIRE, FAUNDEZ, 2019, p. 32)

O termo *andarilhagem* nos inspira a caminhar por este texto. Nos inspira na compreensão deste movimento de *andarilho*. Paulo Freire se considerou um “Andarilho do óbvio” (FREIRE; FAUNDEZ, 2019, p. 32) ao percorrer o mundo e marcá-lo igualmente com sua presença. Para Carlos Rodrigues Brandão, o termo *andarilhagem* está relacionado com este movimento de deslocamento físico, conforme ele próprio nos diz,

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados, e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma causa”). (BRANDÃO, 2019, p. 44)

O ato de andar, os primeiros passos, costuma ser muito esperado pelas famílias dos bebês em fase de desenvolvimento, e mesmo que, represente de fato um grande avanço físico, motor, nesta fase da vida, este ato nos acompanhará ao longo de toda nossa existência, se assim puder ser realizado<sup>3</sup>. Contudo, não se trata de pensar no ato

---

<sup>3</sup> Destacamos aqui que reconhecemos o ato de andar não apenas como condição física, mas como maneira de caminhar pela vida, seja de maneira autônoma ou com o auxílio de algum artefato que favoreça a locomoção. Não podemos deixar de mencionar também, que a experiência de um mundo pandêmico nos provocou outros caminhos de deslocamentos, estes virtuais, que não pretendem substituir os físicos, mas que representaram formas de encontros com outros/as em um movimento dialógico em um tempo cujo isolamento e o distanciamento social foram incorporados em nosso cotidiano como estratégias, para os que puderam cumpri-lo, de proteção e contenção da proliferação do vírus Sars-Cov-19 e suas variantes. Podemos citar aqui o Projeto Memórias da Quarentena que alimentou nossas interlocuções virtuais com

de andar como um deslocamento entre um ponto e outro apenas, mesmo que este ato exista. Para nós, o sentido de andarilhagem que nos interessa é este deslocamento do corpo, da mente, ao encontro com outros seres em *espaçotempos*, com outras compreensões de mundo, e mergulhadas/os nestas experiências, perceber o quanto elas nos formam e nos afetam, nos transformando neste movimento.

Carlos Rodrigues Brandão (2019), ao tratar do termo *andarilhagem*, situa Paulo Freire no grupo dos que se deslocam com um propósito de engajamento e de compromisso com mulheres e homens. Contraditoriamente, a primeira vez que Paulo Freire saiu do Brasil, foi como exilado pelo golpe civil-militar de 1964, quando teve as primeiras experiências fora do território brasileiro, andarilhando pela América Latina.

A fala de Paulo Freire (FREIRE; FAUNDEZ, 2019), na epígrafe deste tópico, sobre seu andarilhar pelo mundo e, assim, mesmo longe do Brasil, compreender melhor seu país, sua cultura, seu povo e, até mesmo, sua própria forma de existir, nos faz entender este deslocamento físico, como um movimento complexo e plural, que nos aproxima do que está distante e nos faz viver relações ambíguas e potencialmente formativas. Afinal, somos seres de cultura e trazemos em nós experiências que nos constituem em nossas singularidades-pluralizadas, como também em nossas semelhanças enquanto classe trabalhadora, enquanto educadoras/es, enquanto mulheres e homens esperançosas/os pela construção de outros tempos.

Nesta direção, de deslocamentos que nos revelam possibilidades outras de estar com outras e outros nestes percursos, e viver nestas relações experiências *investigativoformativasinstituintes* potenciais, situaremos a seguir o próprio movimento de constituição da rede que fazemos parte e que nasce para se constituir entre redes, em diálogo com outras e outros docentes latino-americanos.

Neste sentido, em busca de articular a formação docente com políticas e práticas pedagógicas que seguissem a longa tradição de luta da América Latina, as professoras Mairce Araújo e Jacqueline Morais, após a participação no VI Encuentro

---

redes e docentes latino-americanos durante a pandemia. A esse respeito ver: ARAUJO, CHAVEZ, TRINDADE (2021).

Iberoamericano de Colectivos Escolares y Redes de Maestras y Maestros<sup>4</sup>, em Córdoba, Argentina em 2011, começaram a delinear um caminho, que toma uma concretude em 2015, dando origem ao coletivo Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Alfabetização Leitura e Escrita - REDEALE:

Quanto ao nosso coletivo docente, nomeado por nós de REDEALE, foi sendo gestado a partir da sintonia encontrada desde as primeiras interlocuções com a Red Latinoamericana de maestros y maestras que hacen investigación desde la escuela e la comunidade que se deram durante a participação no VI Encuentro Iberoamericano de Colectivos Escolares y Redes de Maestras y Maestros, na cidade de Huerta Grande, Córdoba, Argentina, no período de 17 a 22 de julho de 2011. (MORAIS e ARAÚJO, 2018, p. 17)

Ainda de acordo com as autoras, desde o primeiro encontro com o movimento de redes em Córdoba, Argentina, em 2011, no qual ainda não se tinha claro que projetos poderiam nascer nas parcerias entre docentes, um propósito principal foi se colocando: compreender possíveis transformações nas práticas pedagógicas a partir dos encontros e das trocas ocorridas nos diálogos entre docentes participantes das redes de diferentes países.

Paralelo ao movimento brasileiro, também coletivos docentes de outros países se estruturavam e se organizavam, à medida que se sucediam novas edições dos Encuentros Iberoamericanos. O ano de 2015, com a criação da REDEALE, marcaram para nós um período de intensificação das nossas ações de intercâmbio com um dos coletivos docentes que também se estruturava naquele momento: a rede peruana intitulada a Rede Desenredando Nudos – REDENU, como narram as docentes,

[...] REDENU - haciendo referencia a su acrónimo- nace luego del VII Encuentro Iberoamericano realizado en la ciudad de Cajamarca en año 2014. Evento que sirvió de inspiración y motivación a un grupo de maestros cajamarquinos que asumieron el compromiso de gestar una red que apuesta por una educación transformadora desde la escuela. La REDENU se fue consolidando en lo cotidiano de la experiencia de reflexión pedagógica, desde el ser maestro, el diálogo y el acompañamiento con la REDE (Río de Janeiro-Brasil), los Encuentros Nacionales y las experiencias de investigación e innovación desde la escuela y comunidad. (ABANTO, HUAMAN, CHÁVEZ, 2021, p. 20)

---

<sup>4</sup> A respeito ver: ARAUJO, MORAIS, 2016.

A motivação das/dos docentes peruanas/os, desencadeada naquele *VII Encuentro Iberoamericano de Colectivos Escolares y Redes de Maestras y Maestros*, em julho de 2014, na cidade de Cajamarca – Peru, encontra um terreno fértil entre as/os docentes brasileiras/os também presentes no encontro. Desde então, o diálogo entre os dois países vem acontecendo de maneira a propiciar um espaço de interlocução de saberes, práticas pedagógicas, intercâmbio entre culturas dentre outras possibilidades de trocas que envolvem a profissão docente.

A potência destes diálogos tem se confirmado na medida em que os projetos que articulamos coletivamente se corporificam. Atualmente, este encontro entre redes (brasileira e peruana) já soma cerca de cinquenta professoras e professores, tanto em formação inicial<sup>5</sup> como em formação continuada, que juntas/os já organizaram e publicaram dois livros e diversos artigos. A rede brasileira, já conta com duas dissertações de mestrado sobre temáticas que envolvem os movimentos entre redes latino-americanas e duas teses de doutorado em produção, bem como uma monografia. Acreditamos ser importante destacar esse movimento de escrita que acontece, sobretudo, de maneira coletiva, pois este faz parte dos percursos metodológicos que encontramos para dar prosseguimento às pesquisas que temos realizado e para as quais acreditamos no potencial *investigativoformativo* que se dá no âmbito das redes de docentes que pensam coletivamente suas práticas.

Parte dessa produção foi possibilitada a partir de nossa participação em Expedições Pedagógicas, movimento originado na Colômbia em 1980 e que vem contribuindo para a organização dos encontros, não só os Ibero-americanos, mas também nos que acontecem a nível nacional<sup>6</sup> organizados pelas redes de docentes na singularidade de seus territórios. Nossos movimentos andarilhos em Expedição Pedagógica nos permitiram conhecer e adentrar em um processo de imersão e descoberta da “*práxis transformadora*” (FREIRE, 2014) que nos elege como professoras

---

<sup>5</sup> Acreditamos, a partir de distintos autores, aqui destacamos um dos textos de Antônio Nóvoa (2019) que a formação inicial docente acontece nos cursos de graduação, após este período, nomeamos formação continuada, processo que decorre ao longo da carreira docente.

<sup>6</sup> Algumas redes de docentes latino-americanas se organizam nacionalmente como forma de se prepararem para os encontros ibero-americanos que acontecem internacionalmente reunindo diversos países latino-americanos. (BOOM, 2008).



pesquisadoras protagonistas de nossas práticas docentes que não se limitam à repetição de um saber consolidado que dissemina uma “única história”.<sup>7</sup>

Paulo Freire, assim como Eduardo Galeano (1999), nos alerta que,

sabe-se muito bem que o problema fundamental da América Latina não é a “preguiça do povo”, ou sua “inferioridade” ou sua “falta de educação”, mas o imperialismo, não como abstração ou um “slogan”, mas como uma realidade tangível, como uma presença invasora, destruidora. Sem a superação desta contradição fundamental, as sociedades dependentes latino-americanas poderão apenas modernizar-se. (FREIRE, 2014, p. 90)

Superar essa realidade tangível a qual se refere Paulo Freire é um exercício contínuo que tem nos conduzido à busca do conhecimento de nossa própria história na relação conjunta com outras/os docentes latino-americanas/os. Unindo-nos à “caminhada” de quem toma a história nas mãos, fazendo-a e nela refazendo-se.” (FREIRE, 2014, p. 91), nos reconhecemos como *professoraspesquisadoras*, “educadoras viajantes na América Latina.” (KOHAN, 2019, p. 151) e, sobretudo, nos situarmos dentro de uma perspectiva de pertencimento histórico, cultural, social e colonial, da qual vamos nos descobrindo neste processo de deslocamentos formativos.

### **Conexões entre docentes em Expedição Pedagógica: das experiências de deslocamentos físicos às interlocuções com os pressupostos freireanos**

Ao iniciarmos nossas interlocuções latino-americanas conhecemos as Expedições Pedagógicas, que se originaram na Colômbia a partir do Movimento Pedagógico, protagonizado por docentes como resistência aos projetos governamentais e neoliberais em 1980.

Como afirma Boom (2008) o Movimento Pedagógico Colombiano emergiu como um processo de luta de renovação curricular da educação, no qual professoras e

---

<sup>7</sup> Aqui nos referimos ao texto de Chimamanda Adichie (2019), que aponta que o perigo de uma única história está em colocar um povo como uma “coisa única” descrevendo suas características como se fossem definitivas, ou seja, determina-se certo estereótipo. Adichie (2019) refere-se a escravização dos povos, em um tempo histórico específico, mas cuja história é sempre contada pela perspectiva dos escravizadores. Aqui nos remetendo nesse texto à história latino-americana.

professores passam a se organizar coletivamente em encontros regionais e nacionais como movimento de resistência e afirmação da profissão docente frente aos ataques do governo colombiano, na década de 1980. O Movimento Pedagógico Colombiano seguia assim uma longa tradição de luta que caracteriza a história latino-americana, a região das “veias abertas”, como dizia Galeano (1999).

Podemos entender as Expedições Pedagógicas como uma modalidade singular de formação docente, organizada a partir de visitas às escolas e espaços educativos locais, como parte integrante dos Encontros Nacionais preparatórios para o Ibero-americano e no próprio Encontro Ibero-americano, evento que reúne redes e coletivos de professoras e professores.

As Expedições Pedagógicas, inseridas nos encontros entre redes de docentes latino-americanos, colocam em confronto discussões teórico-práticas que emergem durante cada encontro, com as experiências teórico-práticas que acontecem no “chão da escola”. Com isso, para além do deslocamento físico, as Expedições envolvem o deslocamento das percepções, certezas, práticas, possibilitando dar a ver outros caminhos pedagógicos.

El objetivo principal de la Expedición Pedagógica es el viaje por las escuelas y proyectos. Al hacer el recorrido por las prácticas pedagógicas, el maestro va desarrollando también un viaje del pensamiento. Registra lo que descubre, valora y se asombra de la riqueza pedagógica en el otro. Al visitar, tiene, a la vez, la oportunidad de compartir su proyecto, aclarar sus dudas, afirmar su práctica, ensanchar su saber y experiencia personal. A través del viaje se abre paso a un diálogo afectivo y pedagógico permanente a partir de las mutuas preguntas y respuestas entre viajero y anfitrión, también con comunidades y expertos, en el ser y acontecer de lo pedagógico en la experiencia presentada y por la socialización y visualización de la misma. (VALBUENA e FORERO, 2011, p. 6)

Os autores enfatizam a troca e o diálogo potencializados pelas expedições que dão a ver possibilidades, práticas e culturas escolares outras, nos instigando a reconhecermo-nos nesses lugares. Conhecer as premissas que envolvem as Expedições Pedagógicas nos remete a Paulo Freire e suas andanças pelo Brasil no início dos anos de 1960, registradas, principalmente, no livro “Educação como prática da liberdade” e em suas experiências andarilhas durante o exílio depois do golpe civil militar de 1964,

percorrendo, Bolívia, Chile, Estados Unidos e Europa, revelando em muitos de seus escritos os deslocamentos vividos, não só realizados fisicamente, percorrendo diversos lugares, mas também, os atravessamentos que circundavam sua escrita militante.

Nessas viagens de diversos tipos, o andarilho encontra conexões de distinto caráter, e a partir delas, inspiração para suas ideias e para uma vida educadora conectiva e renovada. Nas viagens, elabora, formula, recupera, adéqua, cultiva, propõe, concebe, sofisticada, organiza o que constitui seu pensamento mais próprio, fundante. (KOHAN, 2019. p. 151)

As Expedições Pedagógicas das quais participamos nos permitiram colocar-nos em conexão com modos outros de ser docente, de pensar a escola, de pensar a relação escola-comunidade-sociedade, contribuindo para que pudéssemos perceber a viagem como um dos caminhos metodológicos trilhados pelo grupo de pesquisa que integramos, que tem nos permitido, para além dos deslocamentos físicos, agregar concepções que nos formam e nos constituem enquanto professoras pesquisadoras.

Uma outra dimensão importante das Expedições Pedagógicas aparece nas falas de Valbuena e Forero, (2011, p. 6) “es el viaje por las escuelas y proyectos, el maestro va desarrollando también un viaje del pensamiento...registra lo que descubre, valora y se asombra de la riqueza pedagógica en el otro”. O papel do registro toma assim uma centralidade no processo formativo.

Na experiência por nós vivida, diferentes formas de registro: fotográfico, em áudio e vídeo, eletrônicos, em cadernos e diários de anotações, bem como outros dispositivos de preservação da memória, configuraram fontes para as pesquisas que se desdobraram posteriormente em dissertações, teses e monografias que tinham a conversa como metodologia, na perspectiva que nos trazem Ribeiro, Souza e Sampaio (2018):

A conversa é talvez, de alguma maneira e em alguma medida, a arte de se fazer presente, de dar o tempo, isto é de se colocar disponível a ouvir, a escutar, a pensar e partilhar com o outro o que nos habita, fazendo dessa ação não só uma possibilidade de investigação, mas antes de transformar-se no próprio ato de investigar. (RIBEIRO, SOUZA E SAMPAIO, 2018, p. 36)

Os diálogos tecidos, as experiências compartilhadas nas expedições se constituíam, assim, ao mesmo tempo, fonte para as pesquisas e disparadores de processos formativos.

Uma das pesquisas, realizadas a partir das experiências vividas na Expedição Pedagógica, em 2018, no Peru, foi defendida em 2020. Da referida Expedição Pedagógica participaram três integrantes da REDEALE e a investigação teve como objetivo refletir sobre *práxis* teórica e metodológica que emerge das Expedições Pedagógicas, pensando-as na perspectiva da viagem como dispositivo formativo docente e um direito humano. As conversas com docentes peruanas/os e as experiências vividas no IV Encontro Nacional de Coletivos Peruanos teceram as fontes da pesquisa produzindo a dissertação de mestrado.

O Movimento Pedagógico de docentes, originário na Colômbia, em 1980, que gerou as Expedições Pedagógicas, é um exemplo de uma mobilização coletiva que emerge de educadoras/es que, ao se oporem aos modelos de formação piramidal e hierárquico, estes que se queriam, sob moldes hegemônicos e neoliberais controlar o exercício do fazer pedagógico, criam possibilidades autênticas de assumirem-se como sujeitos de seu *pensarfazer* pedagógico, enquanto produtores deste saber e enquanto seres culturais, críticos, se afirmando como sujeitos políticos.

Nesta direção, de constituição enquanto sujeitos de suas práticas, Pineda (2012) aponta para um aspecto que trazemos neste artigo, que é a possibilidade de pensar a formação docente entre redes como espaços,

Para pensarse y construirse como sujetos de saber, y desde estas conexiones e interacciones configurar otros modos de ser maestro. Formas de organización de los educadores que les posibilita adelantar acciones colectivas, crear vínculos, establecer contactos y alianzas, crear lazos afectivos, entramados sociales que dinamizan el trabajo conjunto y dotan de nuevos sentidos y significados el trabajo pedagógico. (PINEDA, 2012, p.6)

Por meio do que Pineda (2012) sinaliza, compreendemos que a constituição de se tornar sujeitos de saber na perspectiva dos movimentos pedagógicos em redes e coletivos docentes está relacionado a vários aspectos que ultrapassam as fronteiras do

cotidiano escolar em si, como a criação de laços afetivos, que motivam a construção de novos sentidos e significados ao trabalho docente, como movimentos de narrar os cotidianos e questões para além deles.

Tal perspectiva nos permite relacionar com o que Freire nos afirmou sobre sermos uma totalidade, uma inteireza enquanto presenças no mundo, em uma experiência política, ética e estética com que operamos este mesmo mundo e nossa permanência nele (FREIRE, 2020, p. 136). Tal perspectiva de inteireza, em uma totalidade formativa se dá por compreender, ao pensar a dimensão formativa de existir, que,

Às vezes, ou quase sempre, lamentavelmente, quando pensamos ou nos perguntamos sobre a nossa trajetória profissional, o centro exclusivo das referências está nos cursos realizados, na formação acadêmica e na experiência vivida na área da profissão. Fica de fora como algo sem importância a nossa presença no mundo. É como se a atividade profissional dos homens e das mulheres não tivesse nada que ver com suas experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem-querer ao mundo ou com seu desamor à vida. Com sua alegria ou com seu mal-estar na passagem dos dias e dos anos. (FREIRE, 2020, p. 94)

Neste horizonte de formulações freireanas, convém reafirmarmos a dimensão dialógica como central no processo *investigativoformativo instituinte*, convém compreendermos que as questões em torno de como se formar professor/a não se resumem ou restringem apenas quando se está sendo professor/a, elas estão no mundo, estão nos desafios que nos atravessam em questões éticas, em questões estéticas, em questões políticas, em como percebemos e nos comprometemos com a materialização da vida considerando nosso compromisso enquanto educador/a.

Desta forma, integrar movimentos pedagógicos entre redes e coletivos docentes instituintes nos convoca, segundo Linhares e Heckert (2009, p. 6), a “reinventar as práticas políticas e o modo como temos lidado com a nossa existência”.

Para as autoras, as experiências instituintes são,

[...] ações políticas, produzidas historicamente, que se endereçam para uma outra educação e uma outra cultura, marcadas pela construção permanente de um respeito à vida e uma dignificação permanente do

humano em sua pluralidade ética, numa afirmação intransigente da igualdade humana, em suas dimensões educacionais e escolares, políticas, econômicas, sociais e culturais. (LINHARES; HECKERT, 2009, p. 6)

Nesta direção, e em diálogo com os pressupostos freireanos, situamos os movimentos em redes e coletivos docentes como espaços genuínos para uma formação instituinte, na direção de oportunizar a discussão acerca de referências outras de educação e sociedade, estas mais afinadas com o que defendeu Freire, uma sociedade, mais especificamente, uma América Latina mais emancipada, liberta e justa.

Nesta direção, para Célia Linhares,

Pesquisar estas configurações [...] insurgentes que mostram uma prevalência ética em suas relações tem nos mostrado a importância dos pensamentos impensados que tanto contribuem para os desalentos, como fomentam posições aguerridas, potentes, que têm uma longa fermentação histórica, reaparecendo em várias e inesperadas frentes, que urgem por interligações com intensidade no acompanhamento de movimentos instituintes [...] e em seus entrelaces com a formação docente. (LINHARES, 2007, p. 144)

Por meio do que nos afirma Linhares (2007), situamos as experiências instituintes vivenciadas no contexto latino-americano, cujas trocas têm se mantido e fortalecido ao longo dos anos, conforme trouxemos neste artigo, como uma necessidade dialógica e humanizadora, formativa, que ultrapassam os limites e fronteiras geográficas e institucionais, se constituindo como encontros com outras e outros em um processo potente de pensar diferentes *pensar-fazer* docentes.

## **Considerações Finais**

Compor a Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Alfabetização Leitura e Escrita – REDEALE tem representado para nós um importante ato político frente aos desafios que temos enfrentado em nosso cotidiano enquanto professoras pesquisadoras e docentes vinculadas também à educação básica. Encontrar um espaço para compartilhar nossas experiências docentes e debater sobre as políticas educacionais brasileiras com outros docentes latino-americanos é uma oportunidade importante que nos possibilita

compreender as conexões existentes entre as nossas vivências individuais e as histórias que constituem a América Latina.

Os encontros entre as redes de docentes: brasileira e peruana tem ampliado nosso olhar sobre nossas práticas docentes, sobretudo no que se refere ao importante diálogo que temos estabelecido com o *pensamentoobra* de Paulo Freire. Os referenciais teórico-metodológicos que elegemos ao longo dessa trajetória de fortalecimento de vínculos entre a REDENU e a REDEALE, contribuiram significativamente para que conseguíssemos organizar distintos materiais que possibilitam a disseminação deste projeto que tanto nos forma continuamente como permite que outros docentes tenham acesso a este movimento de formação entre redes de docentes latino – americanas.

As diferentes formas de ser andarilha, a formação que nos modifica inspiradas pelas experiências da/o outra/o, os diálogos que nos marcam e nos atravessam são algumas das marcas que podemos encontrar nas experiências com as Expedições Pedagógicas em diálogo com o *pensamentoobra* de Freire.

Andarilhar pensamentos, ações, práticas e esperanças, foi dessa forma que concebemos os diálogos que mantemos ao longo dos anos desde os primeiros encontros com os movimentos pedagógicos, com as Expedições Pedagógicas, com a participação nos Ibero-Americanos e com as trocas entre redes e coletivos docentes latino-americanos que se mantém furtivamente.

A formação que ocorre no encontro com professoras/res de outros *espaçostempos*, conhecer seus hábitos, valores, certezas e dúvidas e, receber e levar para elas e eles um pouco das nossas aflições e certezas, provavelmente, é um dos aprendizados que as Expedições Pedagógicas nos trazem, para além de conhecer geograficamente um novo país, reconhecer de forma cotidiana, vivenciando junto a essas comunidades suas práticas, nos proporciona uma experiência viva e que nos desloca e nos aproxima de nossa identidade como nos disse Freire.

Os diálogos que acontecem com ou sem os deslocamentos físicos nos proporcionam um repensar, um renovar de estratégias, nos modifica enquanto

professoras. Poder ouvir as narrativas, pensarmos juntas os diferentes caminhos, as diversas (im)possibilidades, nos auxilia a construir uma prática de refletir sobre quem somos e o que estamos construindo enquanto profissionais da educação.

Compreendemos ainda, a relevância de pensar o espaço formativo docente, a partir de um movimento instituinte, coletivo que nos provoca em movimentos investigativos de nossas práticas e de nós mesmos, tendo sempre como inspiração e instrumental de luta o legado freireano, e por uma educação na América Latina emancipadora, libertária e dialógica.

## Referências

ABANTO, Silvia Huaccha; HUAMAN, Rosa Villanueva; CHÁVEZ, Isabel Gutiérrez. Experiencias docentes desde un encuentro iberoamericano. In: Maria Isabel Gutiérrez Chávez; Danusa Tederiche Borges de Faria; [Orgs.]. *EnREDando memórias e vivências: narrativas de coletivos docentes peruanos e brasileiros*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução Julia Romeu. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

ARAÚJO, Mairce da Silva. Com a roupa encharcada e alma repleta de chão: processos formativos entre redes e coletivos docentes. In: SANGENIS, L. F., OLIVEIRA, E., CARREIRO, H. (Orgs.). *Formação de professores para uma formação plural e democrática: narrativas, saberes, práticas e políticas educativas na América Latina*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

ARAÚJO, Mairce da Silva. *Projeto de Pesquisa: Alfabetização, Memória e Formação de Professores: investigando novas práticas de formação docente*. PIBIC. UERJ. Rio de Janeiro. 2018.

ARAÚJO, Mairce da Silva; MORAIS, Jaqueline de Fátima dos Santos. Brasil e Peru nas dobras do (im)possível: compartilhando experiências no diálogo entre coletivos docentes. *Revista Linha Mestra*, v. 30, pp. 43-48, Associação de Leitura do Brasil, 2016.

ARAÚJO, M. S.; MORAIS, Jacqueline de F. dos S. (Org.). *Brasil- Peru: experiências educativas a partir de uma expedição pedagógica*. São Carlos - SP: Pedro & João, 2018.

ARAÚJO, Mairce da Silva; CHAVÉZ, Maria Isabel Gutiérrez; TRINDADE, Regina Aparecida Correia. O pensamento de Paulo Freire e suas repercussões na formação entre pares: diálogos Brasil-Peru. In.: FONTOURA, Helena Amaral da; TAVARES,



Maria Tereza Goudard; LEITE, Vania Finholdt Angelo (org.). *Diálogos com Paulo Freire - 100 anos: reflexões freirianas em tempos de (pós) pandemia*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021.

BOOM, Alberto Martínez. Rostros y rastros del maestro contemporáneo. *Quaestio-Revista de Estudos em Educação*, v. 10, n. 1, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In.: STRECK, D. R., REDIN, E., ZITKOSKI, J.J. (ORG.) *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural: Para a liberdade e outros escritos*. Editora Paz e terra, 2014.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. 10 edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 5ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

KOHAN, Walter. *Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica*. Autêntica, 2019.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 12. Edição. São Paulo: L&PM, 1999.

LINHARES, Célia. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá/MT, v. 16, n. 31, p. 139-160, maio-ago. 2007.

LINHARES, Célia; HECKERT, Ana Lúcia. Movimentos Instituintes nas Escolas: Afirmando a potência dos espaços públicos de educação. *Revista Aleph*, n. 12, p. 5-12. 22 set. 2009.

LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

NÓVOA, António. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. *Currículo sem fronteiras*, v. 19, n. 1, p. 198-208, 2019a.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. *Educação & Realidade*, v. 44, 2019b.

PINEDA, María Cristina Martínez. Redes, experiencias y movimientos pedagógicos. *Rev. Cienc. Tecnol.* Año 14 / N° 18 / 2012 / 5–11

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

VALBUENA, Leonor Rodriguez, FORERO. Nubia, *El viaje como alternativa de formacion en la ExpedicionPedagogica*. VI Encuentro Iberoamericano de Colectivos que hacen investigacion em la escuela. Córdoba Argentina. 2011. Disponível em: <https://www.yumpu.com/es/document/view/14214138/el-viajecomoo-alternativa-deformacion-en-la-expedicion-pedagogica>. Acesso em: 18 ago. 2018.

---

Recebido em: 13 fev. 2022.  
Aprovado em: 10 mai. 2022.

\* **Mairce da Silva Araújo** é professora titular da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE) e da Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Alfabetização Leitura e Escrita (REDEALE).

E-mail: [mairce@hotmail.com](mailto:mairce@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1434-7796>

\*\* **Regina Aparecida Correia Trindade** é Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e Técnica em Assuntos Educacionais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE) e da Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Alfabetização Leitura e Escrita (REDEALE).

E-mail: [ginatrindade@gmail.com](mailto:ginatrindade@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6787-5029>

\*\*\* **Isabele Cristina Fonseca Ramos** é Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP UERJ). Professora da Rede Municipal de Educação do Município de Maricá. Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização Memória Formação Docente e Relações Étnicorraciais (ALMEFRE) e da Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Alfabetização Leitura e Escrita (REDEALE).

E-mail: [isabelecfr@gmail.com](mailto:isabelecfr@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6367-9925>

Mairce da Silva Araújo, Regina Aparecida Correia Trindade  
Isabele Cristina Fonseca Ramos e Roberta Dias de Sousa

\*\*\*\* **Roberta Dias de Sousa** é professora das redes municipais de Educação de Itaboraí e Niterói- RJ. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE).

E-mail: [betadias3112@gmail.com](mailto:betadias3112@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1137-8351>

\*\*\*\*\*